

JONATHAN FRANZEN

As correções

Tradução
Sergio Flaksman

2ª edição

Copyright do texto © by 2001 Jonathan Franzen

Título original

The corrections

Capa

Elisa von Randow

Foto de capa

© James Casebre, cortesia de Sean Kelly Gallery, Nova York

Preparação

Eugênio Vinci de Moraes

Revisão

Beatriz de Freitas Moreira

Edna Luna

O autor agradece a Susan Golomb, Kathy Chetkovich, Donald Antrim, Leslie Bienen, Valerie Cornell, Mark Costello, Göran Ekström, Gary Esayian, Henry Finder, Irene Franzen, Bob Franzen, Jonathan Galassi, Helen Goldstein, James Golomb, Fundação John Simon Guggenheim, MacDowell Colony, Siobhan Reagan e Bellagio Center da Fundação Rockefeller pela ajuda neste livro

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Franzen, Jonathan

As correções / Jonathan Franzen ; tradução Sergio Flaksman. — 2. ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: The corrections.
ISBN 978-85-359-1887-8

1. Romance norte-americano I. Título.

11-04668

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Esta obra foi composta em Electra pela Spress e impressa pela Prol Editora Gráfica sobre papel Pólen Soft da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schvarcz em maio de 2011

SAINT JUDE

A LOUCURA de uma frente fria de outono avançando pela pradaria. Dava para sentir: alguma coisa terrível a ponto de acontecer. O sol baixo no céu, um tom de luz menor, uma estrela que esfria. Rajadas e mais rajadas de desordem. Árvores inquietas, temperaturas em queda, toda a religião setentrional das coisas chegando ao fim. Por aqui, nenhuma criança nos quintais. Sombras alongadas sobre a grama japonesa que começava a amarelar. Carvalhos-vermelhos, carvalhos-brancos e carvalhos-do-pântano despejavam suas bolotas sobre casas sem hipoteca. As janelas de proteção contra tempestades estremeciam nos quartos vazios. O zumbido e os soluços da máquina de secar roupas, a alteração nasal do soprador de folhas, as maçãs locais amadurecendo num saco de papel, o cheiro da gasolina com que Alfred Lambert limpava o pincel depois de passar a manhã pintando o sofá de vime.

Três da tarde era uma hora perigosa naqueles subúrbios gerontocráticos de Saint Jude. Alfred despertara na grande poltrona azul em que havia adormecido depois do almoço. Já tinha feito a sua sesta, e o noticiário local só começaria às cinco. Aquelas duas horas vazias eram uma fístula em que fermentam infecções. Pôs-se de pé com esforço, e aproximou-se da mesa de pingue-pongue, tentando em vão escutar onde Enid estaria.

Por toda a casa ressoava o toque de uma campainha de alarme que só Alfred e Enid conseguiam ouvir claramente. Era o alarme da ansiedade. Era como um daqueles imensos discos de ferro fundido percutidos por um malho elétrico que fazem as crianças saírem das escolas nas simulações de incêndio. Àquela altura, já vinha tocando havia tantas horas que os Lambert não ouviam mais a mensagem “sineta tocando” e sim, como com qualquer som que persista o suficiente para nos dar o tempo de perceber de que sons é composto (como com qualquer palavra que fitemos até ela se definir como uma simples seqüência de letras mortas), um malho que feria rapidamente uma superfície metálica ressonante, não um som puro mas uma seqüência granular de percussões cercada de uma aura penetrante de tons secundários; tocando havia tantos dias que já se confundia simplesmente com os demais ruídos de fundo, exceto em certas horas da madrugada, quando um dos dois acordava coberto de suor e percebia que uma campainha vinha tocando em suas cabeças até onde a memória deles alcançava; tocando havia tantos meses que o som já dera lugar a uma espécie de metassom, que aumentava ou diminuía não por efeito de ondas de compressão, mas de acordo com um vaivém muito mais lento do que a *consciência* que tinham daquele som. A qual ficava particularmente aguda quando o próprio clima exibia uma disposição ansiosa. E então Enid e Alfred — ela de joelhos na sala de jantar abrindo gavetas, ele no porão inspecionando a desastrosa mesa de pingue-pongue — sentiam-se os dois a ponto de explodir de ansiedade.

A ansiedade dos cupons de desconto, numa gaveta contendo velas nas cores outonais da moda. Pilhas de cupons amarradas com elástico, e Enid acabara de perceber que as datas de expiração de sua validade (muitas vezes assinadas com um círculo vermelho pelo fabricante) já tinham ficado meses e mesmo anos no passado: que aqueles mais de cem cupons, cujo valor total de face ultrapassava sessenta dólares (um potencial de cento e vinte dólares no supermercado de Chittsville, que dobrava o valor dos cupons), estavam todos perdidos. Tilex, sessenta cents de desconto. Excedrin PM, um dólar de desconto. E as datas não eram nem mesmo *próximas*. Eram datas *históricas*. A campainha de alarme vinha tocando havia *anos*.

Enfiou os cupons de volta no meio das velas e fechou a gaveta. Procurava uma carta registrada que chegara alguns dias antes. Alfred ouvira o carteiro batendo na porta e gritara, “Enid! Enid!” tão alto que não conseguira ouvi-la gritar em resposta “Al, já estou atendendo!”. E ele continuou gritando o nome

dela, cada vez mais perto de onde ela estava, e uma vez que o remetente da carta era a Axon Corporation, com endereço no 24 East Industrial Serpentine, Schwenksville, Pensilvânia, e uma vez que havia certos aspectos da situação da Axon de que Enid tinha ouvido falar mas esperava que Alfred não, ela escondeu depressa a carta em algum lugar que devia ficar a uns cinco metros da porta da frente. Alfred emergira da porta do sótão berrando como um equipamento de escavação, “Tem alguém batendo na porta!”, e ela gritara de volta, “O carteiro! É o carteiro!”, enquanto ele sacudia a cabeça desalentado ante a complexidade daquilo tudo.

Enid tinha certeza de que sua cabeça ficaria mais clara se ela não precisasse perguntar-se, a cada cinco minutos, o que Alfred estaria aprontando. Por mais que tentasse, porém, não conseguia fazê-lo interessar-se pela vida. Quando o incentivara a retomar suas experiências na oficina, ele a fitara como se ela tivesse enlouquecido. Quando ela perguntara se não havia algum trabalho que ele pudesse fazer no quintal da casa, ele respondeu que sentia dores nas pernas. Quando ela lembrara que todos os maridos de suas amigas tinham seus hobbies (Dave Schumpert tinha os vitrais, Kirby Roots suas intrincadas casinhas para pássaros, Chuck Meisner controlava de hora em hora sua carteira de investimentos), Alfred reagira como se ela estivesse tentando desviá-lo de alguma tarefa importante. E o que seria aquela tarefa? Repintar os móveis da varanda? Ele vinha pintando o sofá de vime desde o Dia do Trabalho, no começo de setembro. Ela tinha a impressão de que, na última vez, Alfred só precisara de umas duas horas para a tarefa de refazer a pintura daquele sofá de vime. Agora, ele vinha descendo para a oficina todas as manhãs, e quando ao cabo de um mês ela fez uma incursão para ver como iam as coisas descobriu que ele só tinha conseguido pintar as pernas do sofá.

Ele dava a impressão de estar ansioso para que ela fosse embora. Disse que o pincel tinha secado, que era por isso que o serviço estava demorando tanto. Disse que lixar a tinta velha do vime era tão difícil como descascar um morango. Disse que era tudo culpa dos grilos. Ela sentiu uma certa falta de fôlego, mas talvez fosse apenas o cheiro de gasolina e a umidade daquela oficina, lembrando o cheiro de urina (mas não podia ser urina). E fugiu para cima, decidida a encontrar a carta da Axon.

Seis dias por semana, quilos de correspondência entravam pela fenda da porta da frente, e já que não se podia deixar que nada de incidental se empilhas-

se no andar de baixo — já que a ficção de viver naquela casa era a de que ninguém vivia lá —, Enid via-se diante de um considerável desafio tático. Não se imaginava como uma guerrilheira, mas é isto que era, uma guerrilheira. De dia, carregava equipamento e material de um depósito para outro, muitas vezes um passo apenas à frente da autoridade dominante. À noite, à luz de uma arandela elegante mas muito pouco luminosa, sentada a uma mesa pequena demais na copa, desencadeava diversas ações: pagava contas, revisava os canhotos do talão de cheques, tentava decifrar os recibos de pagamento do Medicare e compreender um ameaçador Terceiro Aviso de um laboratório médico exigindo o pagamento imediato de vinte e dois cents ao mesmo tempo em que registrava o transporte de um saldo de U\$ 0,00 em sua conta, indicando assim que ela não devia nada, e ainda por cima sem informar em qual endereço o pagamento poderia ser enviado. Ocorria que o Primeiro e o Segundo Avisos estavam lá embaixo em algum lugar e, devido às limitações que cercavam a batalha de Enid, ela só tinha uma idéia muito vaga de onde esses outros Avisos poderiam estar numa determinada noite. Podia suspeitar, talvez, do armário na sala de estar, mas a autoridade dominante, na pessoa de Alfred, estaria àquela altura assistindo a algum telejornal a um volume que trovejasse o suficiente para mantê-lo acordado, e todas as luzes da sala estariam ligadas, além da possibilidade nada desprezível de que, caso ela abrisse a porta do armário, uma cascata de catálogos, *House Beautifuls* e extratos variados da Merrill Lynch escorreria para fora, suscitando a ira de Alfred. Havia também a possibilidade de que os Avisos não estivessem lá, pois a autoridade dominante também promovia ataques de surpresa a seus depósitos, ameaçando “dar cabo” de tudo aquilo caso ela não tomasse alguma providência, mas ela estava ocupada demais desviando-se daqueles ataques para ter qualquer condição de tomar uma providência, e na sucessão de migrações e deportações a que se via forçada qualquer aparência de ordem se perdia, de maneira que uma sacola de compras aleatória da Nordstrom acampada atrás de um espanador com o cabo semi-arrancado podia conter toda a carga emocional heterogênea de uma vida de refugiado — números esparsos de uma *Good Housekeeping*, instantâneos em preto-e-branco de Enid na década de 1940, receitas amareladas em papel muito ácido que lembrava alface murcha, as contas de telefone e gás do mês em curso, o Primeiro Aviso do laboratório médico, explicando detalhadamente aos clientes que deveriam ignorar todas as cobranças subseqüentes num

montante inferior a cinquenta cents, uma foto de cortesia de Alfred e Enid num navio de cruzeiro usando colares de flores havaianos e tomando alguma bebida contida num coco, e os únicos exemplares existentes das certidões de nascimento de dois de seus filhos, por exemplo.

Embora o inimigo aparente de Enid fosse Alfred, o que a transformava numa guerrilheira era a casa que ocupava a ambos. Sua decoração era do tipo que não tolerava a desordem. Cadeiras e mesas da Ethan Allen. Spode e Waterford no aparador. Os fícus obrigatórios, e mais os obrigatórios pinheiros de Norfolk. Exemplares amarelados de *Architectural Digest* numa mesinha de centro de tampo de vidro. O butim do turista — objetos de esmalte da China, uma caixa de música vienense que Enid por sentido do dever e compaixão volta e meia acionava abrindo a tampa. A melodia era *Strangers in the night*.

Infelizmente, a Enid faltava o temperamento para administrar uma casa como aquela, e a Alfred faltavam as condições neurológicas. Os gritos de raiva de Alfred cada vez que descobria indícios da atividade guerrilheira — uma sacola plástica da Nordstrom surpreendida à luz do dia nas escadas do porão, quase provocando um tropeção — eram os gritos de um governo que não conseguia mais governar. Ultimamente, ele desenvolvera um talento especial para fazer sua calculadora-impressora vomitar colunas e mais colunas de números de oito algarismos sem sentido. Depois de dedicar a melhor parte de toda uma tarde a calcular cinco vezes a contribuição da faxineira à previdência social, chegando a quatro números diferentes e finalmente decidindo aceitar o único número (US\$ 635,78) que conseguira produzir duas vezes (o valor correto era setenta dólares), Enid promoveu um ataque noturno a seu arquivo, subtraindo tudo que dizia respeito ao pagamento de impostos, o que poderia ter melhorado bastante a eficiência doméstica não tivesse o material encontrado alguma forma de ir parar dentro de uma sacola de plástico da Nordstrom onde alguns números antigos da revista *Good Housekeeping* serviam de disfarce e ocultavam os documentos mais relevantes, baixa de guerra que levou a faxineira a preencher ela mesma os formulários, limitando-se Enid a preencher os cheques e Alfred a sacudir a cabeça diante da complexidade daquilo tudo.

É sina da maioria das mesas de pingue-pongue dos porões das casas acabar servindo para outros jogos mais desesperados. Depois de aposentar-se, Alfred apropriou-se da extremidade oriental da mesa para sua correspondência e suas operações bancárias. Na ponta ocidental ficavam a tevê colorida portátil em

que pretendia assistir ao noticiário local sentado em sua imensa poltrona azul mas que fora desde então completamente engolida por exemplares de *Good Housekeeping* e as latas sazonais de chocolates e os candelabros barrocos mas de feitura barata que Enid nunca conseguia encontrar tempo para transportar até o brechó onde os deixaria em consignação. A mesa de pingue-pongue era o único campo em que a guerra civil grassava abertamente. Na extremidade oriental, a calculadora de Alfred via-se emboscada por cachepôs com motivos florais, porta-copos de lembrança do Epcot Center e um instrumento para remover caroços de cereja que Enid possuía havia trinta anos sem nunca ter usado, enquanto ele, por sua vez, na banda ocidental, por nenhuma razão com que Enid jamais pudesse atinar, fizera em pedaços uma grinalda feita de pinhas, avelãs e castanhas-do-pará pintadas com spray.

A leste da mesa de pingue-pongue ficava a oficina que abrigava a oficina metalúrgica de Alfred. A oficina virara a casa de uma colônia de grilos mudos, cor de poeira, que, quando assustados, espalhavam-se por todo o porão como um punhado de bolas de gude caídas no chão, alguns deles falhando em seus pulos em ângulos doidos, outros virando de barriga para cima ao peso de seu próprio e copioso protoplasma. Precisavam de pouco para rebentar, e um único lenço de papel não bastava para a limpeza. Enid e Alfred eram atormentados por muitas atribulações que julgavam extraordinárias, despropositadas — vergonhosas — e os grilos eram uma delas.

Uma espessa camada da poeira cinzenta dos feitiços malignos e das teias de aranha do encantamento cobriam a antiga fomalha de arco voltaico, as jarras contendo o exótico ródio, o sinistro cádmio e o decidido bismuto, os rótulos impressos à mão escurecidos pelo vapor de um frasco de água-régia com rolha de vidro, e o caderno quadriculado em que a última anotação com a letra de Alfred datava de muito tempo, quinze anos antes, antes que as traições tivessem começado. Um objeto cotidiano e amigável, um lápis, ainda ocupava o lugar aleatório na bancada onde Alfred o deixara numa outra década; a passagem de tantos anos imbuíra o lápis de uma certa animosidade. Luvas de amianto pendiam de um prego por trás de dois certificados de registro de patentes, com as molduras deformadas e retorcidas pela umidade. Na capa de um microscópio binocular viam-se grandes flocos de tinta descascada do teto. Os únicos objetos livres de poeira naquele aposento eram o sofá de vime, uma lata de zarcão, alguns pincéis, e algumas latas de café Yuban que, apesar dos indícios olfativos

cada vez mais fortes, Enid obstinava-se a não acreditar que viessem sendo preenchidos com a urina de seu esposo: que razão ele poderia ter, dispondo de um lavabo completo a uns cinco metros dali, para mijar numa lata de café Yuban?

A oeste da mesa de pingue-pongue ficava a grande poltrona azul de Alfred. Era uma poltrona estofada demais, um tanto presidencial. Era de couro, mas cheirava como o interior de um Lexus. Como alguma coisa moderna, hospitalar e impermeável de que fosse possível remover facilmente o cheiro de morte, com um pano úmido, antes que chegasse a próxima pessoa para sentar-se nela até morrer.

A poltrona era a única compra importante que Alfred fizera sem a aprovação de Enid. Quando ele viajara para a China a fim de reunir-se com engenheiros ferroviários chineses, Enid tinha ido junto e os dois visitaram uma fábrica de tapetes, dispostos a comprar um tapete para a sala de estar. Estavam desacostumados a gastar dinheiro consigo mesmos, e escolheram um dos mais baratos, com um desenho azul simples do *Livro das mutações* sobre um fundo bege liso. Alguns anos mais tarde, quando Alfred aposentou-se da ferrovia Midland Pacific, resolveu que iria substituir a antiga poltrona de couro que cheirava a vaca onde assistia televisão e tirava suas sextas. Queria alguma coisa muito confortável, é claro, mas ao final de toda uma vida comprando tudo para os outros ele precisava de mais do que apenas conforto: precisava de um monumento às suas necessidades. E assim foi sozinho a uma loja de móveis que não vendia com desconto e escolheu uma poltrona que desse uma idéia de estabilidade. Uma poltrona de engenheiro. Uma poltrona tão grande que mesmo um sujeito grande se perdia nela; uma poltrona projetada para suportar sem abalo as maiores pressões. E como o azul de seu couro combinava vagamente com o azul do tapete chinês, Enid não teve opção senão suportar sua instalação em plena sala de estar.

Pouco depois, porém, as mãos de Alfred já começaram a despejar café descafeinado nas extensões bege do tapete, netos selvagens deixavam frutinhas e lápis de cera para serem pisoteados, e Enid começou a achar que o tapete fora um erro. Ela tinha a impressão de que, ao tentar economizar dinheiro na vida, cometera muitos erros daquele tipo. Chegou a ponto de pensar que teria sido melhor não ter comprado tapete algum do que ter comprado aquele tapete. Finalmente, à medida que as sextas de Alfred iam se aprofundando e aproximando-se de um estado de encantamento, ela tomou coragem. Sua mãe lhe deixara uma pequena herança anos antes. Os juros tinham se somado ao capital principal, certas ações tinham tido um bom desempenho, e agora ela dispu-

nha de uma renda própria. Reconcebeu a sala de estar em verdes e amarelos. Encomendou tecidos. Vieram colar o novo papel de parede, e Alfred, que tirava sua sesta temporariamente na sala de jantar, acordou de um salto sentindo-se vítima de um pesadelo.

“Você vai redecorar *de novo*?”

“O dinheiro é meu”, disse Enid. “É assim que eu quero gastar.”

“E o dinheiro que *eu* ganhei? E o trabalho que *eu* tive?”

Esse argumento funcionara bem no passado — era, por assim dizer, a base constitucional para a legitimidade da tirania — mas não funcionou dessa vez. “O tapete já está com quase dez anos de idade, e as manchas de café nunca mais vão sair”, respondeu Enid.

Alfred fez um gesto na direção da poltrona azul, que coberta pelo plástico protetor estendido pelos homens que colavam o papel de parede parecia alguma coisa pronta para ser entregue numa usina de força por uma carreta de reboque. Tremia de incredulidade, incapaz de crer que Enid pudesse ter esquecido aquela refutação esmagadora aos argumentos que usava, aquele impedimento irresistível aos planos que ela tinha feito. Era como se todas as limitações que ele sofrera em suas sete décadas de vida estivessem corporificadas naquela poltrona de seis anos de idade, mas na essência nova em folha. Ele sorria, o rosto iluminado pela terrível perfeição de sua lógica.

“E a poltrona, então?”, perguntou. “*E a poltrona?*”

Enid olhou para a poltrona. Sua expressão era somente de dor, nada mais. “Jamais gostei desta poltrona.”

Aquela era provavelmente a coisa mais terrível que ela poderia dizer a Alfred. A poltrona era o único sinal que ele havia dado de uma visão própria do futuro. As palavras de Enid o deixaram tomado por tamanho sofrimento — sentiu tanta pena da poltrona, tanta solidariedade por ela, tanta dor inesperada diante do fato de ela ser assim traída — que arrancou o plástico que a cobria, mergulhou em seus braços e adormeceu.

(Era um modo de reconhecer os lugares encantados: as pessoas dormem instantaneamente.)

Quando ficou claro que tanto o tapete quanto a poltrona de Alfred estavam condenados, foi fácil livrar-se do tapete. Enid anunciou sua venda no jornal de anúncios gratuitos e em sua rede caiu uma senhora que era um pássaro nervo-

so, ainda cometia erros e cujas notas de cinquenta emergiam da bolsa num rolo desordenado que ela ia despetalando e alisando com os dedos trêmulos.

Mas e a poltrona? A poltrona era um monumento e um símbolo, e não havia jeito de fazê-la separar-se de Alfred. Só poderia ser deslocada, e foi mandada para o porão, seguida por Alfred. E foi assim que na casa dos Lamberts, como em Saint Jude, como no país como um todo, a vida passou a ser vivida debaixo da terra.

Agora Enid ouvia Alfred no andar de cima, abrindo e fechando gavetas. Ele ficava agitado sempre que iam visitar os filhos. Visitar os filhos era, aparentemente, a única coisa a que ele ainda parecia dar importância.

Nas janelas imaculadamente limpas da sala de jantar havia o caos. O vento enlouquecido, as sombras que a tudo anulam. Enid tinha procurado a carta da Axon Corporation por toda parte, sem encontrar.

Alfred estava no quarto do casal perguntando-se por que as gavetas de sua cômoda estavam abertas, quem as abria, e se ele próprio as teria aberto. Não tinha como deixar de pôr em Enid a culpa por sua confusão. Porque ela a testemunhava, admitindo assim sua existência. Por existir, ela mesma, como uma pessoa que poderia ter aberto aquelas gavetas.

“Al? O que é que você está fazendo?”

Ele se virou para a porta de onde ela aparecera. Balbuciou uma resposta, “Estou...”, mas quando ele era surpreendido, todas as suas frases viravam aventuras na floresta; assim que deixava de ver a luz da clareira por onde entrara, percebia que as migalhas que deixara cair tinham sido comidas pelos passarinhos, animaizinhos rápidos hábeis e silenciosos que ele sequer conseguia distinguir na penumbra mas que eram tão numerosos e enxameantes em sua fome que davam a impressão de serem eles próprios a escuridão, como se a escuridão não fosse uniforme, não uma ausência de luz mas uma abundância de componentes; e na verdade, quando, ainda adolescente estudioso, encontrara a palavra “crepuscular” na antologia de poesia de língua inglesa de McKay, os corpúsculos da biologia se combinaram com seu entendimento da palavra de maneira que, em toda a vida adulta, via no lusco-fusco do fim da tarde uma certa corpuscularidade, como a granulação dos filmes de alta velocidade necessária para a fotografia em condições de pouca luz ambiente, como uma espécie de deterioração sinistra; e daí o

pânico de um homem traído no fundo da floresta cuja escuridão era a escuridão de estorninhos tapando a luz do sol ou de formigas negras tomando de assalto um gambá morto, uma escuridão que não se limitava a existir mas *consumia* ativamente os marcos que ele tivera o cuidado de dispor a fim de não se perder; mas no mesmo instante em que percebia estar perdido, o tempo sofria uma desaceleração maravilhosa e ele descobria eternidades até então insuspeitas no espaço entre uma palavra e a seguinte, ou melhor, via-se capturado naquele espaço entre as palavras, e tudo que conseguia fazer era ficar ali parado observando enquanto o tempo passava correndo sem ele, a parte infantil e impensada dele correndo às cegas e aos esbarrões pelos bosques até perder-se de vista enquanto ele, o Al adulto, preso na armadilha, ficava olhando num suspense estranhamente impessoal para ver se o menino tomado pelo pânico ainda assim conseguiria, embora não soubesse mais onde estava ou em que ponto entrara na floresta daquela frase, chegar de algum modo até a clareira onde Enid o esperava, sem perceber floresta alguma — “arrumando minha mala”, ele ouviu-se dizer. Soava bem. Lá estava aquela mala diante dele, uma confirmação importante. Ele não traía nada.

Mas Enid tornara a falar. O audiólogo bem que tinha dito que ele tinha uma certa dificuldade. E ele franziu as sobancelhas para ela, sem ter entendido.

“Hoje é *quinta-feira*”, repetiu ela, mais alto. “E nós só vamos no *sábado*.”

“Sábado!”, ecoou ele.

Foi então que ela rallou com ele, e por algum tempo os passarinhos crepusculares bateram em retirada, mas do lado de fora o vento soprara até apagar o sol, e estava ficando muito frio.